



XVI congresso interno de iniciação científica

Ginásio Multidisciplinar da Unicamp
24 a 25 de setembro de 2008



H0658

O BRASIL E A PERIFERIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO: POLÍTICA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Ricardo Barbosa Calegari (Bolsista PIBIC/CNPq) e Profa. Dra. Daniela Magalhães Prates (Orientadora), Instituto de Economia - IE, UNICAMP

Em janeiro de 1999, o governo brasileiro adotou o regime de câmbio flutuante. No entanto, os regimes cambiais dos países emergentes no contexto pós-crise da década de 1990 revelaram-se regimes de flutuação suja devido, entre outros motivos, ao chamado “medo de flutuar”, associado ao pass trough mais elevado das variações cambiais aos preços e ao currency mismatch. Este trabalho pretende analisar a natureza do regime cambial brasileiro após 1999, procurando investigar se este regime pode ser classificado como de “flutuação limpa”. Indicadores que atestam o “medo de flutuar” de Calvo-Reinhart apresentam insuficiências para tal verificação. Indicadores elaborados por Ricardo Hausman – que procuram contornar essas insuficiências ao relacionar as volatilidades relativas entre taxa de câmbio e reservas e entre taxa de câmbio e taxa de juros – mostram que no período de vigência do câmbio flutuante o Brasil se aproximou mais de um regime de flutuação genuína. Porém, esses últimos indicadores não levam em consideração outras formas de intervenção do Banco Central no mercado de câmbio e influência do ciclo de liquidez internacional na gestão da política cambial. Uma análise da evolução da taxa de câmbio nos últimos anos ao longo das duas fases deste ciclo (de escassez, entre 1999 e 2002, e de abundância, entre 2003 e 2007), contribui para elucidar a natureza do regime cambial brasileiro.

Setor externo - Balança de pagamento - Regimes cambiais